

# Capítulo I

*Shreveport, Louisiana*  
*15 de julho de 1948*

Sentada no balanço, na varanda de sua casa, Jillian Chandler aproveitava o clima ameno da manhã, antes que o sol e a umidade da Louisiana trouxessem, no decorrer do dia, o calor insuportável. Aspirando com prazer o doce perfume das magnólias floridas, tentava não se preocupar. De uma forma ou de outra, a agonia pela qual vinha passando, nas últimas duas semanas, chegaria ao fim.

Jillian detestava esconder segredos de Morgan.

Talvez devesse ter lhe contado sobre a biópsia, ela pensou. Mas o fato era que naquele dia ambos comemoravam o quinto aniversário de casamento. E ela não queria estragar essa data, por nada.

Era difícil acreditar que cinco anos haviam se passado, desde os votos que tinham feito, por ocasião do casamento.

A expressão “na saúde e na doença” veio-lhe à mente... E Jillian franziu a testa.

A porta de tela se abriu. Impecável, como sempre, em seu uniforme da Força Aérea, Morgan surgiu na varanda, trazendo uma xícara sobre um pires. Dele exalava a máscula fragrância *Old Spice*. A luz do sol incidia sobre os galões de *capitão*, na gola da camisa que cobria-lhe o tórax largo.

Jillian sabia que os raros fios de prata nos cabelos castanhos e escuros de Morgan o incomodavam um pouco. Mas, observando-o atentamente, pensou que lhe caíam com perfeição.

Os olhos verde-esmeralda de Morgan faziam seus joelhos fraquejarem, mesmo agora, depois de cinco anos de casamento.

— Bom dia, querida — disse ele. — Achei que você gostaria de uma xícara de chá.

— Você me conhece muito bem. — Ela sorriu, ao receber a xícara. — Será que pode ficar comigo um pouco?

— Só por alguns minutos. Não posso chegar atrasado. Teremos uma inspeção, nesta manhã. — Morgan sentou-se a seu lado, no balanço. Jillian sentiu os olhos dele, fitando-a com intensidade, como se a sondassem. — Você estava com um olhar tão distante. O que há... Algo de errado?

— Sim. — Ela sorveu um gole de chá. — Pensava em como seria

bom estarmos ouvindo o choro de uma criança, ou os passinhos dela em nosso piso de madeira.

— Seria maravilhoso... Mas precisamos ter paciência. — Ele tomou-lhe a mão. — Deus fará acontecer, quando chegar a hora certa.

— Sei que preciso ter fê, mas é difícil — Jillian respondeu, com os lábios contraídos pela aflição. — Quem diria que, cinco anos depois de casados, ainda estaríamos à espera...

— Acho que este é um bom momento para entregar seu presente. — Levando a mão ao bolso, Morgan retirou uma pequena caixa de veludo. — Lembra-se de quando lhe prometi um diamante? — Ele estendeu-lhe a caixa.

— Oh, não me diga que você!... — Ligeiramente trêmula, Jillian depositou a xícara sobre uma mesinha, próxima ao balanço. Tomando a pequenina caixa nas mãos, abriu-a lentamente. Ao contemplar o anel, com seu diamante perfeito, assentado num engaste delicado e antigo, ela exclamou, ofegante de emoção: — Nossa, Morgan, é lindo!

— Permita-me? — Retirando o anel da caixa, Morgan colocou-o no dedo de Jillian. — Ah, serve perfeitamente.

— Eu amo você, querido — disse Jillian, tentando não deixar que a culpa estragasse aquele momento.

Inclinando-se, Morgan tomou-lhe os lábios, num beijo que parecia reivindicá-la como *sua*.

Sentindo-se derreter por dentro, Jillian desejou permanecer naqueles braços para sempre... Mas sabia que a inspeção, marcada para aquela manhã, na base aérea, não permitiria. Esse era o preço que pagavam pelo trabalho de Morgan, como instrutor de treinamento.

Afastando o rosto lentamente, ele murmurou:

— É melhor que eu vá, agora... Por mais que deseje ficar em casa e fazer amor com você. — Levando aos lábios a mão de Jillian, ele beijou levemente o dedo no qual havia colocado o anel. Em seguida beliscou-lhe suavemente o rosto, numa doce carícia.

Esse gesto trouxe à mente de Jillian lembranças que ela preferiu repelir, juntamente com as lágrimas que ameaçavam inundar-lhe os olhos.

— Tenho algumas coisas a fazer, hoje — disse ela. — Tudo bem se eu deixar você no trabalho? Assim, poderei ficar com o carro e voltar depois, para apanhá-lo.

— Claro.

— Estarei pronta em alguns minutos — ela anunciou, apressando-se a entrar na casa.

Morgan observou-a com atenção. Era fácil deduzir que algo a estava incomodando... Mas o que seria?

Não estava nada convencido de que a falta de filhos fosse a única preocupação de Jillian.

A incerteza o invadiu, causando-lhe uma sensação de aperto, em pleno peito... E isso não prenunciava nada de bom.

Ele tentou superar a ansiedade. Não queria pensar em nada, naquela manhã, exceto na inspeção. Mas aquela sensação opressiva crescia-lhe no íntimo. Será que alguma coisa ruim estava prestes a acontecer?

Sentada na minúscula sala de espera, havia mais de quarenta minutos, Jillian sentia dificuldade para respirar. Onde estaria o dr. Taylor? A enfermeira havia dito que a espera seria apenas de alguns minutos. Os músculos do estômago de Jillian se contraíram e, por um breve momento, ela sentiu náuseas. Por mais que tentasse se convencer de que o resultado da biópsia daria *negativo*, no fundo ela sentia que não seria assim.

Levantando-se, ela caminhou até a janela e, afastando as cortinas, observou o cenário, lá fora: era um belo dia de verão.

O som do motor de aviões, ao longe, levou-a a pensar em Morgan. Se ao menos tivesse contado a ele sobre aquela visita ao médico... Mas que bem teria lhe causado, se assim fizesse? Afinal, um oficial de alta patente tinha vindo de Washington, para proceder a uma inspeção. E, de qualquer maneira, esse fato teria impedido Morgan de acompanhá-la até ali. Ao menos ele não estava preocupado com ela, naquele momento, Jillian pensou, esfregando a nuca para aliviar a tensão.

Ao ouvir a porta do consultório se abrindo, ela se voltou.

— Bom dia, sra. Chandler. Sinto muito por tê-la feito esperar — disse o médico, caminhando em sua direção. — Mas eu precisava de um tempo maior para conversar com a senhora.

Cruzando as mãos com força, Jillian acenou em concordância:

— Eu entendo, mas a espera é difícil... A mente tende a vagar na direção errada e isso não é nada bom. — Ela acomodou-se na cadeira em frente à mesa do médico, enquanto o observava sentar-se e examinar o arquivo.

— Analisamos os resultados da biópsia... Gostaria de lhe dizer que tenho uma boa notícia, mas não posso. — O médico arrumou os papéis que havia retirado do arquivo, antes de prosseguir: — Vou direto ao ponto: A senhora tem câncer e, quanto mais cedo fizer a cirurgia, maiores serão suas chances de sobrevivência.

Choque... Perplexidade... Era como se o tempo tivesse deixado de

existir.

As palavras se repetiam na mente de Jillian: *A senhora tem câncer... A senhora tem câncer.*

Ela segurou-se nos braços da cadeira com tanta força, que os nós de seus dedos ficaram brancos. Queria dizer alguma coisa... *qualquer* coisa... Mas as palavras pareciam recusar-se a sair de sua boca.

— Sra. Chandler... — Erguendo-se, o dr. Taylor contornou a mesa e parou a seu lado. Gentilmente, tocou-lhe o braço.

— Sim, eu... Não consigo acreditar que isso esteja, realmente, acontecendo. — Jillian contemplou o diamante que brilhava em seu anular. — Hoje é meu aniversário de casamento. Meu marido me deu este anel há algumas horas. — E mostrou-lhe a mão.

— É muito bonito. Sinto, realmente pelo fato de lhe dar senhora estar recebendo esta notícia justo hoje.

Jillian encolheu os ombros:

— Algum dia eu teria que saber.

— Sim, claro. — O médico pigarreou, voltou a sentar-se e consultou a agenda. — Posso marcar sua cirurgia para segunda-feira. Quanto mais cedo for feita a remoção das células cancerígenas, melhor... Mais uma vez, quero dizer que sinto muito, sra. Chandler.

Fitando-o com intensidade, Jillian compreendeu que ele estava sendo sincero.

— O senhor pode me dar um minuto, por favor?

— Claro que sim. Sei que isso é terrível, senhora...

Erguendo-se, Jillian caminhou até a janela e olhou para fora. O céu exibia um belo tom de azul, salpicado de nuvens brancas. Dois pilotos conversavam animadamente, na calçada. Rindo, empurraram-se e continuaram a conversar.

Não era justo que estivessem se divertindo, enquanto ela sofria de um câncer que podia lhe custar a vida, Jillian pensou. Queria gritar contra aquela injustiça. Uma série de pensamentos sobre a vida e a morte percorreu-lhe a mente... E então a palavra *desfiguração* a fez estremecer.

Com o coração tomado pelo medo, ela voltou-se, lentamente, para perguntar:

— Como ficarei, depois da intervenção cirúrgica?

Abrindo a gaveta, o dr. Taylor retirou um livro.

— Bem, não vou enganá-la, sra. Chandler... Haverá cicatrizes. — Abriu o livro sobre a mesa e, detendo-se numa página, mostrou-a a Jillian.

Dominada pela ansiedade, ela aproximou-se da mesa e, ofegante, observou a imagem ali impressa: a visão de um tórax feminino, com um

seio removido, roubou-lhe o fôlego.

Com um arrepio de pavor percorrendo-lhe o corpo, ela inclinou-se para olhar a foto mais de perto. A pele avermelhada parecia estar sobreposta à outra, ou melhor: costurada a ela. A caixa torácica parecia afundada...

— Oh, Deus, é assim que ficarei, pelo resto da minha vida?

— Este é um quadro cirúrgico, senhora. Seu tórax terá uma aparência muito melhor, após o processo de cicatrização. Como cirurgião, meu trabalho é retirar o tumor. A remoção do músculo peitoral dá essa impressão, digamos, “oca”... É algo que não posso evitar... Sinto muito. Queremos dar-lhe a melhor chance de sobrevivência possível.

— Mas por quanto tempo? — perguntou Jillian, mordendo o lábio inferior. — O senhor pode garantir que vou envelhecer ao lado de meu marido, depois que tudo isso acabar?

— Não... Realmente, não posso. Nenhum médico pode... Mas o fato é que, sem a cirurgia, suas chances de sobrevivência serão nulas. Bem, eu gostaria de marcar uma conversa com a senhora e seu marido. Assim, poderei explicar o procedimento a ambos. Será que a senhora poderia voltar amanhã, com ele, às nove horas?

— Se o senhor quer assim... Claro, nós viremos. Sei que Morgan terá muitas perguntas a lhe fazer, doutor. Aliás, eu nem contei a ele sobre a biópsia.

— Isso foi muito imprudente de sua parte. — O médico tocou-lhe a mão, num leve gesto de solidariedade. — A senhora vai precisar muito do apoio de seu marido, nas próximas semanas.

— Vou, sim. — Jillian segurou sua bolsa, com força. — Bem, pode programar a cirurgia para segunda-feira, doutor. De qualquer forma, terei esse fim de semana para absorver a ideia... O que mais temo é dar a notícia a meu marido.

— De fato, sei que vai ser bem difícil... Não é nada fácil contar ao ser amado que se tem um câncer. — Levantando-se, ele voltou a contornar a mesa. — Mas, por favor, acredite no que estou lhe dizendo: a senhora não pode passar por isso sozinha.

— O senhor tem razão... Eu realmente não posso. Neste exato momento, minha mente está frágil e confusa como um mingau... A propósito, por quanto tempo deverei permanecer internada, após a cirurgia?

— A enfermeira lhe dará uma pequena apostila, com todas as informações sobre esse assunto. — Ele entregou-lhe um cartão. — Aqui está o número do meu telefone particular. Se a senhora tiver alguma pergunta que não possa esperar pelo dia seguinte, não hesite em me ligar.

— Obrigada. — Jillian guardou o cartão e colocou-o na bolsa. Em seguida, fitando-o diretamente nos olhos, indagou: — O senhor acredita em Deus?

— Na minha profissão, minha fé em Deus é o que mais me vale. — O médico sorriu. — Rezo para que Ele oriente minhas mãos, em cada cirurgia que faço.

— É reconfortante ouvir isso.

— Bem, verei a senhora e seu marido amanhã, às nove horas.

— Estaremos aqui.

Jillian pegou os papéis com a enfermeira e saiu, quase correndo, do consultório. Não ia desmoronar, de modo algum... Ao menos não naquele momento. Agora, precisava ver Susan, sua melhor amiga.

Susan gozava de um raro momento de silêncio. Elizabeth estava cochilando e, Matthew, brincando na casa de um amigo.

Assim, ela serviu-se de um grande copo de chá gelado. Estava prestes a sentar-se, quando a campainha soou. Correu em direção à porta, esperando que o som não acordasse o bebê.

Jillian estava de costas, diante da porta de Susan. Quando virou-se para ela, começou a chorar.

— Jillian, querida, o que aconteceu?

Soluçando, Jillian atirou-se nos braços da amiga.

— Oh, Susan, estou com câncer.

— Câncer? Não, eu não acredito nisso! — Amparando-a, Susan levou-a até a cozinha. — Sente-se, antes que você caia.

— Estou vindo do médico. Tenho câncer de mama, Susan... — Jillian murmurou, com as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

— Oh, não! Eu sinto muito, minha querida — disse Susan, afagou a mão de sua melhor amiga.

Não fosse pela extrema palidez, Jillian pareceria tão saudável, ela pensou, com tristeza.

Câncer?

Susan estremeceu. Câncer era apavorante. Câncer poderia significar o pior... E ela não queria perder sua melhor amiga.

— Mas você nunca me disse nada sobre isso. — Susan comentou, por fim. — Desde quando surgiu essa suspeita? E por que fez questão de mantê-la em segredo, só para si mesma?

— Você se lembra daquela semana em que Morgan viajou, para fazer um curso? — Jillian enxugou as lágrimas, tentando recuperar o controle.

— Sim, claro.

— Foi quando fiz os exames, ou melhor, a biópsia.

— E por que não me contou? Eu teria ido com você, querida... A gente não deve passar por essas coisas sozinha.

— Você teria ficado muito preocupada. E, além do mais, achei que eu poderia dar conta de tudo, por mim mesma.

— E por isso escondeu tudo de mim? De mim, que sou sua amiga! A propósito, amigos existem para compartilhar ocasiões como essa, sabia?

— Na época, me pareceu a coisa certa a fazer. — Remexendo na bolsa, Jillian retirou um lenço.

Aquele era bem o estilo de sua grande amiga, Susan pensou: preocupar-se com os outros, em primeiro lugar.

— Morgan já sabe? — ela indagou.

Jillian assuou o nariz, enquanto meneava a cabeça.

— Não. — E voltou a chorar, amargamente. Por fim, conseguiu dizer: — Não lhe contei nem mesmo sobre a biópsia. Achei que tudo iria acabar bem. E então eu diria a ele.

— Morgan não vai gostar nada disso... Refiro-me ao fato de você não ter lhe contado.

— Oh, eu sei. — Jillian recostou-se na cadeira. — Será que eu poderia tomar um pouco de chá?

— Claro! — Susan pegou a jarra e serviu um grande copo de chá, enquanto comentava: — Sei que o momento não é oportuno, mas não pude deixar de me lembrar do seu aniversário de casamento. — Susan forçou um sorriso. Aquela notícia tinha roubado, de sua grande amiga, a felicidade que ela deveria estar desfrutando, naquele dia.

— Obrigada. — Jillian estendeu a mão esquerda, exibindo o anel. — Veja o que Morgan me deu de presente, hoje cedo, antes de sair para o trabalho.

— Uau, que lindo! — Susan contemplou o anel e, em seguida colocou o copo de chá gelado na mão de Jillian, perguntando a si mesma se ela conseguiria segurá-lo naquele triste estado de espírito. — Não deve ser nada fácil receber uma notícia dessas no dia do aniversário de casamento.

— Sem dúvida. Mas será que existe um bom momento para se saber disso? — Jillian provou um gole de chá. — A cirurgia está marcada para segunda-feira.

Cirurgia, Susan repetiu, em pensamento, sentindo um princípio de vertigem. O que ocorreria a Jillian, agora? Que tipo de tratamento receberia? Será que perderia ambos os seios? Sobreviveria? Oh, ela não queria perder sua amiga.

— Ainda bem que você resolveu encarar o tratamento — disse, por

fim.

— O médico falou que quanto mais cedo eu fizer a cirurgia, maiores serão minhas chances de sobrevivência. E quero esse tumor fora do meu corpo, já! Só de pensar em algo maligno, crescendo dentro de mim, fico aterrorizada. Sobretudo por que essa coisa está ameaçando minha vida.

— Quando você vai contar ao Morgan?

— Hoje à noite, depois do belo jantar que pretendo preparar para ele. — Jillian deixou escapar um suspiro. — Odeio ter que lhe dar essa notícia, no nosso quinto aniversário.

— Bem, é tarde demais para se preocupar com isso, agora. Quanto mais cedo você contar a ele, mais chances ele terá, para lidar com esse problema.

— Você tem razão.

— Ah, por falar nisso, fiz um bolo para dar de presente a vocês.

— É muito amável de sua parte. Isso tornará a noite mais suportável. Afinal, nós dois somos loucos pelos bolos que você faz, Susan.

— Bem, sei que agora tudo parecerá muito difícil, opressivo, assustador, enfim... Insuportável. Acho que eu também me sentiria assim. Portanto, se você precisar conversar, a qualquer hora do dia ou da noite, eu estarei aqui, amiga. Sempre.

— Eu sei. — Jillian ergueu-se. — Bem, preciso ir embora, pois tenho muito que fazer.

— Não quer ficar mais um pouco? — Susan perguntou, tomando-lhe as mãos.

— Não. Preciso me manter ocupada, assim não terei tempo para pensar. Obrigada pelo apoio, obrigada por me deixar chorar em seu ombro amigo. Sabe, não quero estar chorando, quando contar a Morgan.

— Você não estará, acredite. Mas o choro foi uma reação natural ao primeiro choque. Por outro lado, não vou lhe dizer que será fácil contar a Morgan. Mas sei que você é realmente forte, quando necessário.

— Já não tenho tanta certeza disso — Jillian afirmou, olhando através da janela da cozinha. — Sei muito bem que, às vezes, dependo de Morgan mais do que deveria. Mas parece que ele até gosta disso.

— Alguns homens são assim. Já Luke gosta de pensar que sou do tipo responsável, independente. Tal como *você*.

— Bem, vou precisar de Morgan, mais do que antes. É bom saber que posso contar com ele, pois não tenho certeza de que conseguiria passar por isso sem o apoio dele, sem o seu amor.

— Sim, Morgan é, definitivamente, um dos melhores. — Susan

levantou-se, lentamente. — Mas não se subestime, querida. Nas horas difíceis, todos nós fazemos o que é preciso. E você também fará.

— Mais uma vez, obrigada. — Jillian abraçou-a. — Você é uma grande amiga. Eu lhe telefonarei amanhã, está bem?

— Ok. — Susan entregou-lhe o bolo. — Espero que esteja saboroso e que vocês o aproveitem bem.

— Oh, nós faremos isso.

Parada junto à porta, Susan observou Jillian caminhar até o carro. Acenou em despedida, tomada pelo medo.

Câncer de mama.

Pobre Jillian, ela pensou. Quanto devia estar temerosa, por ter que dar a notícia a Morgan, naquela noite!

E murmurou uma prece, para ambos, enquanto observava o carro de Jillian desaparecer na distância.